

Por Mayariane Castro

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília recebe, entre os dias 4 e 14 de junho de 2026, o espetáculo “Kintsugi, 100 memórias”, do Lume Teatro.

A montagem integra as comemorações dos 40 anos do grupo paulista, fundado em 1985, e reúne em cena os atores Ana Cristina Colla, Jesser de Souza, Renato Ferracini e a brasiliense Raquel Scotti Hirson. A direção é do argentino Emilio García Wehbi e a dramaturgia do carioca Pedro Kosovski.

As apresentações acontecem no Teatro do CCBB Brasília, de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 18h.

Na semana dos jogos da Copa do Mundo, a sessão prevista para sábado será realizada excepcionalmente na quarta-feira, dia 10 de junho, às 15h. Os ingressos custam R\$ 30 a inteira e R\$ 15 a meia-entrada.

Rachaduras ficam

A peça parte da técnica japonesa conhecida como kintsugi, utilizada para restaurar objetos de cerâmica quebrados com uma mistura de laca e pó de ouro.

O método transforma rachaduras e marcas de ruptura em elementos visíveis da peça restaurada. A partir dessa referência, o espetáculo propõe uma reflexão sobre memória, esquecimento, permanência e reconstrução.

Logo no início da encenação, um vaso de cerâmica é quebrado no palco.

A ação funciona como ponto de partida para o desenvolvimento da narrativa, que busca investigar o que permanece após proces-

Juntando os cacos da memória

Peça “Kintsugi, 100 Memórias” remete a técnica japonesa de restauração para abordar o Alzheimer



Lenon Cesar

A partir do Alzheimer e suas consequências, Lume discute diversas formas de esquecimento

sos de ruptura.

O objeto fragmentado serve como metáfora para questões individuais e coletivas abordadas ao longo da obra.

Segundo a proposta dramática, o espetáculo reúne memórias pessoais dos integrantes do grupo, episódios relaciona-

dos à história do Lume Teatro e acontecimentos da vida política brasileira.

A montagem utiliza uma estrutura fragmentária e autoficcional, na qual experiências reais dos artistas são incorporadas à cena e reorganizadas em diferentes camadas narrativas.

Conexões

O texto também estabelece conexões entre acontecimentos históricos do país e experiências vividas pelos integrantes da companhia ao longo de quatro décadas de atuação.

Questões relacionadas ao período da ditadura militar, quando

o regime tratava de tentar conduzir fatos e pessoas ao esquecimento (tema, inclusive, do filme “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, que concorreu ao Oscar), ao processo de redemocratização e às transformações sociais ocorridas nas últimas décadas são discutidas.

Ampla pesquisa neurológica

Para construir a peça, autores estudaram pacientes com demência e outros processos

A origem da pesquisa que resultou em “Kintsugi, 100 memórias” está relacionada aos estudos realizados pelo grupo sobre a Doença de Alzheimer. O interesse surgiu a partir de informações divulgadas sobre a população de

Angostura, na Colômbia, onde uma parcela significativa dos moradores apresenta uma mutação genética associada a uma forma rara e precoce da doença.

A partir desse ponto de partida, os integrantes do Lume Teatro desenvolveram uma investigação que incluiu visitas à ala neurológica do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durante vários meses, os artistas conversaram com médicos, pesquisadores, familiares e pacientes diagnosticados com diferentes tipos de demência.

As atividades ocorreram em 2018. Durante o processo, o grupo passou a relacionar os estudos sobre perda de memória a questões mais amplas ligadas ao contexto social e político brasileiro. A pesquisa deixou de tratar exclusivamente dos aspectos clínicos da doença para incorporar reflexões sobre os mecanismos de apagamento e esquecimento presentes na vida coletiva.

Durante vários meses, os atores Ana Cristina Colla, Jesser de Souza, Raquel Scotti Hirson e Renato Ferracini visitaram a ala neurológica do Hos-



Lenon Cesar

Técnica japonesa de restauração é a base da trama

pital das Clínicas da Unicamp, conversando com especialistas, familiares e pacientes com demência. “Era a época em que o Brasil mergulhava em um momento de apagamento histórico, obscurantismo e irraciona-

lidades políticas”, contextualiza Renato Ferracini.

De acordo com os criadores, a obra utiliza o Alzheimer como uma referência simbólica para discutir formas de esquecimento além da dimensão biológica.